

Tancredo

367

São João del Rey

O orgulho, a lenda e o mito

Wilson Coutinho

SÃO João del Rey — O maior funeral da história do país encontrou um esplêndido céu para recebê-lo e finalizá-lo. Um "azul de brigadeiro" retinha. Na manhã de ontem, cedinho, em frente à igreja de São Francisco — onde o corpo do Presidente foi visto pela multidão — oito soldados ainda treinavam como deveriam carregar o esquife. Esta comédia da representação fez as pessoas sorrirem.

Quinze minutos para as 9 horas, o Búfalo da FAB, carregando o corpo de Tancredo, cruzou o azul do céu de São João del Rey e o barulho dos motores espantou os pássaros que desandaram numa circular revoada. Uma criança apontou para o avião: "É o Tancredo". Um jorro de emoção varreu o rosto das pessoas. Um homem velho, negro, chapéu de palha na cabeça, enfiado num colete vermelho tricostado, muito digno e silencioso andou em direção ao cordão de isolamento. Ia esperar o corpo.

Logo, uma voz soou: "Vamos render as nossas últimas homenagens a Tancredo". Nada cívico. Era um vendedor de bandeiras nacionais. A intuição não falha. Não é daqui. Mauro da Pacificação é carioca e chegou ontem. "O preço é cinco mil, mas estou vendendo por três. O pano da bandeira é caro". Tem lá suas razões. Os outros vendedores não gritam. Andam, em silêncio, com o cacho de bandeiras nas costas.

O auge do cortejo aconteceu, inevitavelmente, na porta do solar dos Neves. A multidão já se aglomerava desde cedo em frente. Benedito Freitas, humilde vendedor de bilhetes de loteria — velho amigo da família e de Tancredo — ficou na porta, junto às autoridades. Esteve triste, manteve os braços cruzados enfiados num paletó que, simplesmente, não era elegante. Não combinava nem com as calças, nem com os sapatos. A polícia não gostou do *prêt-à-porter* e tentou retirá-lo. A família impediu. As 9h30min o carteiro ainda entregava telegramas para os familiares e logo em seguida as quatro fábricas de tecido, as duas siderúrgicas e outras indústrias menores apitaram. Foi um uivo triste. O corpo de Tancredo entrava na cidade. A multidão se comoveu. Políticos da região que se instalaram próximos ao solar conversavam, lembravam casos, recordavam a época em que Tancredo foi advogado dos ferroviários que viviam em greve.

José de Moura Beto, 61 anos, é presidente do PMDB de Cassiterita — lugarejo próximo a São João del Rey — e Antônio Saturnino Canaan, 67, foi um dos seus primeiros vereadores, quando a cidade se emancipou em 63. Explicam que na época a região não estava unida como agora. A UDN tinha votos e seus fiéis cantavam, com fervor, desfilando pelas calçadas de pedra da cidade: "Virei tico-tico/virei sabiá/virei o Tancredo/de pernas pro ar". Quem cantar isto agora será simplesmente massacrado. A UDN sumiu.

"Nunca houve homem tão popular como ele", no unísono coro dos dois políticos. "Na última Missa do Galo alguém lhe pediu um saco de cimento. Tancredo falou: é, a coisa tá feia para o seu lado". Deu o dinheiro. Estava aí o humor de Tancredo que empolgou a nação e que se tornou um estilo, provavelmente, irrepetível. No currículo das benfeitorias que fez para São João del Rey alista-se a Santa Casa que ia fechando e que foi salva por ele. Dentro, instalou um aparelho de Raio X. São João del Rey — como é óbvio — tem muitos pobres e para os velhos políticos, deve-se lembrar, Getúlio é ainda adorado. Há uma estátua dele na cidade. Como Presidente, visitou-a três vezes. É considerado um recorde. "Nós enterramos Presidentes", diz um dos políticos lembrando que

todos que visitaram a cidade estão mortos. Com humor recordam um dia em que o Marechal Lott — em campanha presidencial — despencou do palanque "todo luxuoso", quase fraturando a perna. É fato. São João del Rey não é só o que a televisão mostra. Há também — graças aos céus — a fina ironia mineira, mesmo que o acontecimento seja doloroso. Canaã sente, e muito, a perda de Tancredo, mas sugere que a tradição da cidade engloba o nascimento de Tiradentes e o de Tancredo. "Já, já, nasce aqui outra cabeça política!". Ninguém põe dúvida.

Quando o corpo de Tancredo parou em frente ao solar, o lugar foi tomado pela emoção e slogans políticos e coisas como esta: "Ei, ei, Tancredo é nosso rei" — ecoado por um grupo, versos que coram um jogador de futebol como Reinaldo. Se D Risoleta quisesse faria deste país uma monarquia. As massas ainda estão no nível das que aparecem nos filmes de Cecil B. de Mille. A questão é de direção. Logo que o esquife chegou, punhos no ar acionaram o refrão: "O povo na rua, a luta continua". Escutavam-se gritos de "Viva a liberdade" e uma mocinha, camiseta escrita Oui, chorou. Um outro, de punho cerrado, cantou "ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil". A blusa da Company que ele veste é patriótica e dedutiva. Nas costas, o jovem carrega a frase "Os que viverem, verão".

Das janelas vizinhas caem pétalas de flores, o que leva ao umedecimento dos olhos. Um bêbado pobre, olhos rajados de vermelho, segura pelas mangas um senhor burguês e declara comovido: "até a esperança, que é boa, acaba". É razoável nessas horas sentir-se num romance russo. "Temos o Aécio" — responde o senhor. É que ele apareceu em uma das janelas do solar. Há uma briga de hinos entre um grupo na multidão e de pessoas que estão na igreja Nossa Senhora do Rosário, em frente ao solar, e que tentam puxar um coro de cânticos religiosos. É a autoridade de Frei Beto, na janela, que conduz os hinos para o lugar certo ou ao menos para o coração real dos são-joanenses. Pede que rezeim e os punhos cerrados transformam-se em mãos espalmadas erguidas para o céu, enquanto se entoa, com fervor, "no céu, no céu estarei". O cortejo fúnebre segue então religiosamente em direção à igreja de São Francisco, ovacionado em cada esquina. Logo, longas filas serpentearão o centro da cidade com pessoas caladas e que querem ver o rosto do filho mais ilustre da cidade.

Este célebre funeral não é só o que se divulga na TV ou nos jornais. Há conversas provincianas nas esquinas, comenta-se a política de Barroso — cidade próxima a São João del Rey. Canta-se e até bebe-se um pouco. As bonitas mocinhas de São João del Rey têm um pingo de tristeza nos olhos. Fazem isso de propósito? Como sabemos? Este funeral também é uma festa, se considerarmos isso sem preconceitos. Flaubert vendo este clima austero, mas provinciano, teria assunto para uma concisa página e meia. E esta gente é mais sábia que seus irmãos de Belo Horizonte. Esperam. "Tudo em paz em Minas Gerais" — grita um rapazola, enfiado numa florida camisa new wave, tênis sujo, jeans. Até este Brasil Tancredo conseguiu empolgar.

Tece-se também nas esquinas, ruelas, becos, a grande parábola deste funeral e que roda nas cabeças das pessoas. Tancredo morreu no dia em que Tiradentes foi enforcado. São João del Rey — século depois — quase que com a presença de um anjo messiânico, tem agora o direito e a honra de enterrar com todas as pompas o seu segundo mártir, o que lhe foi interdito, uma vez, pela injustiça da História. São João del Rey vive deste orgulho. E criará lendas e mitos que acalantarão as suas noites frias.



Nas ruas e na praça em frente à Igreja de São Francisco de Assis o povo chora o novo mártir da cidade e do país e faz uma previsão: "já, já, nasce aqui outra cabeça política"

